



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

GLEICEMERE RUFINO DA SILVA

A ESCRITA DO CIÚME EM NOME DO AMOR: O CASO “DOM CASMURRO”

CAMPINA GRANDE - PB

2015

GLEICEMERE RUFINO DA SILVA

A ESCRITA DO CIÚME EM NOME DO AMOR: O CASO “DOM CASMURRO”

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a.Jailma Belarmino Souto.

CAMPINA GRANDE - PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586e Silva, Gleicemere Rufino da.
A escrita do ciúme em nome do amor [manuscrito] : o caso /
Gleicemere Rufino da Silva. - 2015.
36 p. nao

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e
da Saúde, 2015.
"Orientação: Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto,
Departamento de Psicologia".

1. Ciúme. 2. Amor. 3. Psicanálise. 4. Análise literária. I.
Título.

21. ed. CDD 152.4

GLEICEMERE RUFINO DA SILVA

A ESCRITA DO CIÚME EM NOME DO AMOR: O CASO “DOM CASMURRO”

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Aprovada em: 19/03/2015.

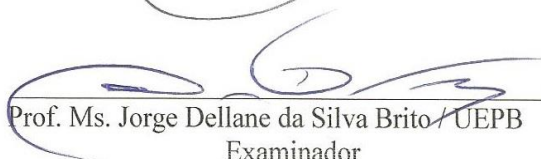
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Jailma Belarmino Souto / UEPB
Orientadora



Prof. Dr.º Edmundo de Oliveira Gaudêncio / UEPB
Examinador



Prof. Ms. Jorge Dellane da Silva Brito / UEPB
Examinador

A ESCRITA DO CIÚME EM NOME DO AMOR: O CASO “DOM CASMURRO”

SILVA, Gleicemere Rufino da¹

RESUMO

O presente trabalho versa sobre o ciúme à luz da psicanálise, mais precisamente, sobre as três camadas ou tipos: "normal, projetivo e delirante", postulados por Freud em sua obra. Na relação entre o ciúme e o amor, exploram-se os caminhos afins aos dois sentimentos e os descaminhos do ciúme. Utiliza-se como instrumento de estudo e análise a obra literária *Dom Casmurro*, que sustentará tal pesquisa bibliográfica e fará o entrelaçamento da psicanálise com a literatura. Tem como objetivo compreender o fenômeno psíquico do ciúme em sua conexão com o amor objetual. Este estudo se dedica, em primeiro lugar, a explorar a relação psicanálise-literatura, que se faz muito presente nos escritos de Freud e Lacan. Discorre-se ainda sobre o amor e sua relação com o ciúme, elucidando acerca das motivações amorosas que resultam no surgimento deste sentimento, chegando, em seguida, ao estudo do ciúme propriamente dito, como a outra face do amor, e ainda discute sobre sua origem na infância, nos avatares produzidos pelo Édipo, além de seus desdobramentos na vida adulta, como a ocorrência de tragédias com crimes passionais, originadas pelos sentimentos de insegurança e desconfiança, caracteristicamente presentes no sujeito ciumento. Destacam-se da obra, falas marcantes, nas quais se pode constatar que a questão do ciúme se faz presente e atuante no comportamento inseguro e possessivo do personagem Bento Santiago nas três classes, fazendo sobressair a força devastadora deste sentimento, desde a origem até seu destino, nas singularidades construídas pelos pares nas relações de amor.

Palavras-chave: Ciúme. Amor. Psicanálise. Literatura.

1. INTRODUÇÃO

Ciúme, que sentimento é esse, fortemente mencionado na Literatura, na música e na arte, apresentando-se como tão devastador e agindo com tal força sobre o sujeito, que em poucos instantes, transforma a calma em uma violenta tempestade? Tal sentimento, segundo o dicionário *Aurélio* da Língua Portuguesa (1995), é proveniente do termo latim *zelumen*, que, por sua vez, vem do grego *zelus*, significando, em sua acepção original, zelo,

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: gleice.rufino@hotmail.com.br

cuidado. O Complexo de Édipo entra em cena como o principal motivo da ocorrência do ciúme no funcionamento mental do ser humano.

Dentre todas as áreas de estudo que mencionam o ciúme e suas vicissitudes, está a mais relevante, em sua forma de exposição e conhecimento, a Literatura, com seu encanto de falar sobre a realidade através de um discurso fantasístico, que desperta o inconsciente do leitor.

Mantendo o ciúme como cerne e unindo ao seu estudo a relação psicanálise – literatura, temos a visão de Bellemin-Nöel (1978), na qual ambas as áreas de estudo se aproximam e se confundem quanto a sua proposta teórica. De um lado, está a Literatura, carregando em sua bagagem o não inconsciente, e de outro, está a psicanálise, com uma teoria analisante de tudo aquilo que escapa ao consciente.

Diante do exposto, o presente trabalho de conclusão de curso propõe uma reflexão crítico-literária sobre a obra “Dom Casmurro”, sob o viés da Psicanálise, adentrando no mundo enigmático e intrigante do sentimento do ciúme vinculado ao amor. Este objeto de estudo, será analisado em sua gênese e destino, bem como em suas implicações na vida do personagem machadiano Bento Santiago, dentro da perspectiva psicanalítica, fazendo emergir a seguinte questão em seu entorno: O ciúme de Bentinho é de característica competitiva (normal), projetiva ou de ordem paranoico-delirante? (FREUD, [1922] 1996). Diante desta problemática, intenta-se desenvolver este trabalho.

Sob a análise psicanalítica da estória de Dom Casmurro, mais precisamente, do perfil psicológico de Bento Santiago, cuja autoria pertence a Machado de Assis, um dos maiores ícones da Literatura Brasileira, escolhe-se o tema a ser discorrido e, tal escolha, justifica-se pela intensa curiosidade e inquietação despertadas por este enigmático sentimento e a consequente devastação emocional e relacional causada pelo mesmo. Justifica-se ainda, pelo fato de que este é um tema cada vez mais atual, presente e atuante nos relacionamentos amorosos e instiga nos sujeitos amantes a curiosidade de conhecer as motivações do amor que podem culminar em ciúme e ocasionar inúmeras tragédias, influenciando negativamente nos vínculos amorosos da sociedade contemporânea, instituindo assim a filosofia do “ninguém é de ninguém”.

O referido tema, exposto por meio da pesquisa bibliográfica, pautada no campo da psicanálise, ainda se volta ao comportamento do sujeito ciumento, uma vez que o ciúme se origina, alimenta-se e vive de constantes dúvidas, suspeitas ou desconfiança que atormentam o psiquismo do sujeito. O ciúme se integra a uma visão possessiva do ambiente, do outro e de si. Encontra, no campo afetivo, o lugar mais cômodo para se expressar e se desenvolver. A

concepção acerca deste sentimento vai, desde a ínfima disputa pelo amor dos progenitores na infância, até o mais devastador dos casos de crimes e homicídios de ordem passional.

Através de uma análise psicanalítica do ciúme, o presente trabalho pretende levar ao conhecimento do leitor, a impossibilidade existente no que se refere à concretização do amor e da felicidade, sob o olhar da literatura e da psicanálise, baseado na leitura e levantamento de textos da obra freudiana, lacaniana e machadiana, junto aos pós-machadianos em suas diversas análises literárias. Tais campos do saber concebem, reciprocamente, o amor como algo impossível de se efetivar na vida do sujeito, tendo como pano de fundo, o ciúme, em suas diversas camadas ou tipos. Assim, discutiremos a ocorrência do amor nos três registros psíquicos: Real, Simbólico e Imaginário, bem como a sua conexão com a gênese do ciúme.

A presente temática será desdobrada em três seções. A primeira discorrerá sobre a relação entre a psicanálise e a literatura, demarcando os principais pontos de fusão entre ambas que, em sincronia, realizam a leitura do humano, por intermédio da escrita e da fala enigmáticas, instrumentos de trabalho utilizados pelas mesmas. Versará ainda sobre a estreita relação de Freud com a literatura, refletindo em sua vasta teoria toda a influência da escrita literária para a criação da psicanálise em um panorama geral.

Na segunda seção, o amor será destacado como o ponto de origem do ciúme em sua trajetória, perpassando todo o legado freudiano e designando o amor como uma impossibilidade na vida do sujeito que ama. Este contrassenso será um fator que atentar-se-á para a existência de algo que escapa ao nível consciente, este no qual o sujeito almeja a felicidade a todo custo, fazendo surgir, a partir disso, o ciúme, pela via do conteúdo recalcado no inconsciente.

Na terceira seção, o ciúme estará representado na literatura, através da obra *“Dom Casmurro”*, e será sentido de forma destrutiva pelo protagonista e narrador Bento Santiago, rapaz criado sem a figura de um pai-função, prometido ao sacerdócio, pudico, tímido e passivo, que se apaixona pela sua vizinha Capitu. Ela encarna o enigmático do feminino de modo forte e marcante e funciona, para ele, como instauradora da lei. Junto a Capitu, Bento constrói uma história de amor e insegurança, cheia de conflitos instigados pelo ciúme, culminando na destruição da vida amorosa de ambos. Estes conflitos se exacerbam a partir da morte de seu amigo Escobar e desencadeiam sua paranoia pela via do ciúme delirante e a sua consequente devastação.

2. A RELAÇÃO: LITERATURA E PSICANÁLISE

“As formas poéticas podem modificar-se com o tempo, e é essa a natureza das manifestações da arte; o tempo, a religião e a índole influem no desenvolvimento da arte; o tempo, a religião e a índole influem no desenvolvimento das formas poéticas, mas não as aniquilam completamente; e a tragédia francesa não é a tragédia grega, nem a tragédia shakespeariana, e todas são a mesma tragédia” (Machado de Assis, 1866, p.902).

Psicanálise e Literatura, fala e escrita, ambas enigmáticas, operantes do inconsciente em seus infindáveis desígnios que denotam a não certeza da autonomia de “ser” do sujeito. Dentre suas diversas particularidades, ambas se constituem em dois discursos autônomos e delimitados que se valem da escrita, expressão da linguagem por excelência, para despertar a interpretação acerca dos seus ditos e efetivar a singular presença da subjetividade humana.

A proximidade entre ambas nasce da relação, um tanto íntima, que Freud instaurou e manteve com o texto literário, revelando-se um exímio escritor ao narrar seus casos clínicos com características de romance. A escrita literária foi seu objeto de estudo, pois nela, percebia previamente aquilo que seria o fundamento de sua descoberta.

Ao ler e adentrar na história contida em um texto literário, o sujeito imagina um cenário, personagens, vozes, sentimentos que, apoiam e constroem uma espécie de realidade do um a um referente à subjetividade de cada leitor. A fantasiado escritor, por outro lado, é revelada por trás do encobrimento de uma escrita ética e ponderada, que altera seus devaneios, utilizando-se de disfarces e modificações, encontradas nas elaborações oníricas.

No entanto, a Literatura não é apenas uma forma de o leitor viajar em seu imaginário e apreciar o valor estético de um poema ou conto, mas é o ato de se deleitar com estas ou com quaisquer outras formas de expressão literárias, buscando nas entrelinhas do que está escrito, aquilo que fica ao nível do não dito, mas sim sentido pelo leitor (BELLEMIN-NOËL, 1978).

Desta forma, assemelha-se ao analista que, com sua atenção flutuante, capta o que não está sendo enunciado no discurso do analisando, pinçando os significantes nas histórias de vida que lhe são contadas. “Atenção aos detalhes é consubstancial a uma conduta científica preocupada em ouvir as palavras exatas de um paciente, em saborear o discurso preciso de um escritor” (BELLEMIN-NOËL, 1978, p.19).

A arte da escrita, em si, comprova a união entre a Psicanálise e a Literatura, no momento em que as pulsões sexuais são sublimadas, com o intuito de atender a um desejo de

expressão no ato da escrita. Tanto que, para o poeta e para o escritor, o que importa é escrever. Assim, o que confere a concretização desse entrelaçamento é o fato de que ambas intentam-se em decifrar o humano através do recurso da palavra, seja esta falada ou escrita.

A grande paixão de Freud pela escrita literária foi consagrada pelo “prêmio Goethe de Literatura”, em 1930, concedido por mérito e pelo seu grande acervo de obras literárias. O conjunto de sua obra, de caráter essencialmente científico, foi *acusado*, por alguns ingênuos, de ser escrita como um romance. Na ocasião da entrega do prêmio, Freud não pôde estar presente por estar muito doente, e se fez representar por sua filha Anna, que leu o discurso enviado para a ocasião. No discurso sobre Johann Goethe, este afirmava de forma clara o quanto o poeta, em suas obras, aproximava-se intimamente da técnica psicanalítica e tinha uma visão privilegiada acerca dos fenômenos humanos, da importância dos sonhos e da subjetividade humana. Nesse texto, lido por sua filha, Freud dizia:

Penso que Goethe não teria rejeitado a psicanálise (...). Ele próprio dela se aproximou numa série de pontos; identificou, através da sua própria compreensão interna, muita coisa que pudemos confirmar, e certas opiniões, que nos acarretam crítica e zombaria, foram por ele expostas como evidentes por si mesmas (FREUD, [1930, p.219] 1996).

A psicanálise desde Freud e nos dias atuais se faz amplamente presente e atuante no campo das artes. Freud se dedicou a analisar as obras de escritores e artistas plásticos, evidenciando nas expressões literárias destes autores, a presença de manifestações sintomáticas das mais variadas. Devido a esta prática de analisar os autores e suas obras, Freud acabou se tornando alvo de muitas críticas por parte dos historiadores de arte. No entanto, depois de consolidada sua obra, adquiriu grande aceitação e destaque no âmbito das vanguardas artísticas por seu próprio mérito como escritor e sempre recorria às artes para a elaboração de sua teoria:

Apenas em um único campo de nossa civilização foi mantida a onipotência de pensamentos e esse campo é o da arte. Somente na arte acontece ainda que um homem consumido por desejos efetue algo que se assemelhe à realização desses desejos e o que faça com que um sentido lúdico produza efeitos emocionais – graças à ilusão artística – como se fosse algo real. As pessoas falam com justiça da ‘magia da arte’ e comparam os artistas aos mágicos (FREUD [1913, p. 103] 1996).

Em respeito aos clássicos literários, Freud foi um grande conhecedor e admirador. Tanto que, lendo-os, ele colhe indicações preciosas para suas pesquisas no universo psicanalítico, bem como, argumentos que vieram a demonstrar e consolidar a produtividade de suas hipóteses (BELLEMIN-NOËL, 1978).

A partir de Freud, a Literatura veio a se tornar a fonte originária de classes fundantes da Psicanálise: Édipo, narcisismo, sadismo, masoquismo; e também de padrões de modos de

ser: bovarysta, quixotesco, acaciano e macunaímico. A Literatura, então, funciona como a que fornece padrões de comportamento (MENEZES, 1995).

Todos os leitores de sua obra sabem a intensidade e a vivacidade com que escreveu sobre artistas, gêneros, escritores e fenômenos literários. Deste modo, o conjunto de sua obra está composto por livros ou artigos, dos mais lidos e que passaram por um laborioso processo de estudo e análise, com sua posterior publicação.

Dentre os principais e mais consagrados livros em que Freud se utilizou da Literatura para sua elaboração e exposição de problemas da escrita criativa, estão: “*Sobre o Édipo Rei e Hamlet*” (1900 a 1905); “*Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*” (1905); “*Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen*” (1907); “*Escritores Criativos e Devaneio*” (1908); “*Leonardo da Vinci e uma Recordação de sua Infância*” (1910); “*O Tema dos Três Escrínios*” (1913); “*Moisés de Michelângelo*” (1914); “*Dostoiévsky e o Parricídio*” (1928), entre outros (BELLEMIN-NOËL, 1978, pág. 21).

Em seu estudo acerca dos escritores criativos, Freud compara o trabalho destes ao brincar de uma criança, pontuando que ambos, em suas atividades, criam um mundo de fantasia, investindo seriamente na emoção e separando, de forma nítida, a fantasia da realidade (FREUD, [1908] 1996).

Nesta atuação subjetiva, o inconsciente, que é evanescente e que se estrutura como uma linguagem (LACAN, 1981), aparece claramente e realiza suas elaborações, manifestando-se, tanto na forma falada, encenada ou escrita, fazendo com que se opere uma conclusão de que, afinal, somos todos poetas, dentro da perspectiva relacional entre a Literatura e a Psicanálise (FREUD, [1908] 1996).

A partir de uma dialética estabelecida entre a Psicanálise e a Literatura, paralelas são traçadas entre a elaboração onírica e a elaboração poética. O sonhador pode ser comparável ao escritor criativo e os sonhos podem se equiparar aos devaneios e fantasias poéticas.

A técnica da arte do escritor, mais precisamente em sua irrealidade imaginativa, passa por algumas consequências importantes, pois nela, existe muita coisa que, se fosse real, não causaria prazer ao leitor. Este se identifica com o enredo concebido como irreal, impressiona-se com o material produzido pelo escritor criativo, identifica-se e é despertado por emoções tais, que talvez não se julgue capaz de expressar.

Denominamos de *prêmio de estímulo* ou de *prazer preliminar* ao prazer desse gênero, que nos é oferecido para possibilitar a liberação de um prazer ainda maior, proveniente de fontes psíquicas mais profundas. Em minha opinião, todo prazer estético que o escritor criativo nos proporciona é da mesma natureza desse prazer preliminar, e a verdadeira satisfação que usufruímos de uma obra literária procede de uma libertação de tensões em nossas mentes (FREUD, [1908, p. 142-143] 1996).

Freud, em sua grande estima pelos escritores e artistas, com seus peculiares *insights* intuitivos acerca do funcionamento psíquico, fez com que a Literatura, concebida como a Arte da Palavra e a Psicanálise, como a ciência do Inconsciente, reciprocamente se iluminassem e se fertilizassem, inaugurando este campo apaixonante que é o campo que envolve a aproximação: Literatura – Psicanálise. Esta relação se constitui, desde a utilização da palavra como matéria-prima comum, até a refinada fórmula lacaniana do “inconsciente estruturado como linguagem” (LACAN, 1981, p. 135).

Desta forma, em torno de um substrato análogo, aparecem as formas de escrita que se utilizam dessa maravilhosa interseção. São os sonhos, os mitos, as lendas, os romances, os lapsos, as epopeias, as poesias e os poemas que, através de suas leituras, fazem emergir esse inconsciente, distante da racionalidade do ego, o qual institui algo de um não saber que fornece a leitura do homem, em sua mais profunda essência.

A psicanálise é o reconhecimento do inconsciente, aflorado através das diversas modalidades de artes. E desde Freud, cujas vivas intuições literárias ainda não dispunham do amplo arsenal da Linguística estruturada enquanto ciência, até hoje em dia, as relações entre linguagem e inconsciente se tornam cada vez mais explícitas.

Tanto a Literatura quanto a Psicanálise fornecem uma densa leitura do humano, propiciando enfim, um conhecimento acerca da sua alma. Diz-nos Freud, em seu estudo sobre a ²*Gradiva*:

E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência (FREUD, [1907, p. 20] 1996).

Lacan foi um exímio leitor de Freud e um de seus principais seguidores. Através dos estudos sobre a escrita freudiana nos mais diversos conceitos, construiu a sua releitura da obra e aprofundou-se nas mais relevantes considerações, utilizando-se do prazer que lhe foi proporcionado, na posição de leitor de uma obra essencialmente criativa como a obra de Freud, e desta maneira, pôde produzir novos textos, partindo da mesma ideia inicial e podendo ainda resgatar a vertente criativa freudiana com o estudo sobre a pulsão de morte, proposta por Freud em seu texto “*Além do Princípio do Prazer*” (1920).

Em sua concepção pós-freudiana, admiravelmente articulada, Lacan pontua em sua releitura psicanalítica que, o artista, sustentado pelo seu desejo, articula-se na fantasia, pois o ato de criar está diretamente ligado a esta, visto que, a criação é a escrita do seu sintoma.

Podemos dizer então, que a criação do artista, em suas inúmeras modalidades de aparição, não logra alcançar o inconsciente de forma precisa, mas apenas se aproxima do que seja o inconsciente. Assim, Lacan (1957) diz que não há como traçar nenhum desenho que possa reproduzir fielmente o inconsciente, portanto, este se faz irrepresentável.

3. O AMOR E SEUS (DES)CAMINHOS: DO DESAMPARO AO CIÚME

*“Este é o nosso destino: amor sem conta,
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,
doação ilimitada a uma completa ingratidão,
e na concha vazia do amor à procura medrosa,
paciente, de mais e mais amor
e na secura nossa, amar a água implícita
e o beijo tácito, e a sede infinita.”
(Carlos Drummond de Andrade)*

A Psicanálise, desde Freud, cura pelo amor: amor de transferência, conforme postulado por Lacan ([1960-61] 1992, p. 46) em *O Seminário, livro 8*, em que discorre sobre o amor e faz alusão à obra de Platão *O Banquete*, afirmando que “amar é dar o que não se tem”.

A partir do início do século XII, em achados literários ocidentais, pode-se apreender que o amor é concebido em seu discurso como associado à dor e ao sofrimento com a promessa de felicidade. Os famosos finais felizes das histórias de amor sempre aconteciam depois de uma trajetória árdua de sofrimento e dor vividos. Mas, diante desses reveses referentes ao amor, indaga-se, então se essa felicidade realmente existe.

No campo do amor, visto pela ótica da castração, que instaura o sujeito da falta, estruturado na neurose, que o torna um ser desejante, entram em cena dois polos envolvidos no ato de amar: sujeito (amante) e objeto (amado). O primeiro, que ocupa o lugar de amante, em meio as suas experiências, sente que algo lhe falta, mesmo que não saiba exatamente o que é, e o segundo, ocupante do lugar de amado, mesmo não sabendo o que tem, sabe que tem alguma coisa que o torna especial. “O paradoxo do amor reside no fato de que, o que falta ao

amante é, precisamente, o que o amado também não tem. O quê falta? O objeto do desejo” (FERREIRA, 2004, pág. 10).

E para tratar desta falta e incompletude constantes, podemos mencionar o amor romântico como uma modalidade concreta desta impossibilidade de completar sua falta. Trata-se de um amor ilusório e fugaz. Aquele que leva o sujeito à tristeza, ao desespero, à obsessão e à morte. Se esse tipo de amor, em algum momento for correspondido, passará a não mais ser denominado de amor romântico, mas sim de amor *philia*, tipo de transformação pela qual passa o amor romântico depois que alcançou o seu intento de ser correspondido e completado em seu *agalma*, isto é, em sua falta.

Será possível alcançar a felicidade, a partir do que o amor romântico propõe, de nunca obter prazer e estar sempre em estado de sofrimento? Para Freud, a felicidade é determinada pelo programa do princípio de prazer, passando a denotar, além da obtenção de prazer, a evitação do desprazer. No entanto, o aparelho psíquico não está voltado para produzir um estado prazeroso, pois esse princípio de prazer esvazia toda a excitação presente nele.

Deste modo, segundo Inada (2009), “*O mal estar na civilização*” (1930) evidencia um contrassenso entre aquilo que constitui a intenção dos homens em suas vidas, ou seja, a felicidade no sentido de obter prazer, e a possibilidade real dela ser alcançada, uma vez que toda a constituição psíquica está voltada para atingir o estado zero de tensão (Nirvana). O conceito de felicidade pode, neste sentido, ser apreendido como um estado sem excitação, visto que é determinado pelo princípio de prazer.

Pelo limite imposto pela nossa própria constituição psíquica ao alcance da felicidade, Freud (1930) afirma:

[...] a intenção que o homem seja “feliz” não está contida no plano da “criação”. Os homens, na medida em que buscam a felicidade entendida da forma positiva, não entendem que estão à procura de algo impossível, pelo fato de toda a estruturação do aparelho psíquico estar voltada para atingir um outro fim (FREUD, [1930, p. 84] 1996).

Não obstante, uma questão se faz presente: Qual é a concepção de Freud acerca da felicidade, visto que esta, tanto buscada pelos homens, designa a vivência de prazer? É possível que ele a entenda como um estado de insensibilidade, sendo assim apreendida de um modo negativo.

À medida que a felicidade é determinada pelo princípio de prazer, caracterizado pelo esvaziamento de excitação do organismo, a mesma, em Freud, é um intento inalcançável na vida do homem, devido não só aos limites impostos pela cultura, mas, principalmente, por aqueles estabelecidos pela nossa própria constituição psíquica. Portanto, podemos observar

que nós mesmos, inconscientemente, não queremos o nosso bem-estar e a nossa felicidade. Mesmo que disso não tenhamos clareza de saber, ou não queiramos saber. Em contrapartida, a nível consciente, a gênese do amor parece se encontrar na fuga de uma condição de desamparo.

Sendo assim, o amor em Freud pode ser entendido, tanto como um investimento libidinal do ego em direção ao objeto, tornando o primeiro humilde, no intento de investir no segundo, quanto ser compreendido como um reencontro com as relações originárias do sujeito. Podemos depreender ainda, que o amor freudiano é demarcado como repetição, enquanto o amor lacaniano é da ordem de uma invenção.

Lacan, em *O Seminário 20*(1974/75), postulou a existência de três registros que constituem o funcionamento psíquico do ser humano e que se articulam e se entrelaçam: O registro Imaginário, o Simbólico e o Real.

O registro do Real se constitui como algo da ordem do impossível, aquele que não cansa de não se inscrever. “É o registro psíquico que não deve ser confundido com a noção corrente de realidade. O real é o impossível, aquilo que não pode ser simbolizado e que permanece impenetrável no sujeito” (BRAGA, 1999, p.2).

O registro Simbólico é compreendido pelo ordenador da cultura, fundado pela linguagem. É o campo da relação do sujeito com o Outro³, onde se localiza o processo civilizatório, instaurando o campo da castração e, conseqüentemente, da falta que faz o sujeito desejar.

E o registro imaginário, como o próprio nome evidencia, diz respeito às imagens, crenças e fantasias e é feito de ilusões, impressões, conceitos e preconceitos, em que o sujeito pensa ou acha algo sobre alguma coisa e cria expectativas em relação a isso. Este corresponde ao ego do indivíduo, formado a partir da relação especular com o Outro primordial.

Nesse sentido, a partir destes conceitos expostos no presente trabalho, uma questão se faz presente neste contexto do amor e seus desígnios: Em qual destas três ordens ou registros se situa o amor?

De acordo com Nabarrete (2014, p.39), “é a articulação dos diferentes registros do imaginário especular, da cadeia significativa do simbólico e da impossibilidade do real que melhor indica as diferenças que vão do narcisismo, na teoria freudiana, à concepção de amor em Lacan.” Dito de outro modo, o amor, na ordem do imaginário, diz respeito ao não saber do

³Na visão lacaniana, o termo Outro (grafado com letra maiúscula), é nomeado como o tesouro dos significantes e ocupa o lugar da inscrição da Lei.

sujeito, a sua insegurança em amar e ser amado, às expectativas depositadas em torno do amor pelo outro; na ordem do simbólico, o amor se localiza entre os significantes que circulam na linguagem entre os sujeitos, em um significante qualquer entre o analista e o analisando e nas constituições familiares, fazendo se instaurar o laço social e a simbolização do amor entre os sujeitos, entre pais e filhos e nas relações parentais em geral.

Já na ordem do real, o amor estará fora da ordem do possível, pois pelo fato de o registro do real representar aquilo que não cessa de não se inscrever, e que não se pode nomear, qualquer encontro com um objeto amoroso demonstrará que não houve encontro do objeto buscado, indo de encontro à causa do amor de buscar a plenitude e a felicidade.

Portanto, Lacan (1953-54/1998) situa o amor como “derivado da junção do simbólico com o imaginário, sendo o real suspenso para tornar possível a promessa de felicidade que se sustenta na ficção do Um”.

A partir destas considerações acerca da compreensão de Freud e Lacan sobre a temática amorosa e suas nuances, teceremos algumas possibilidades, para que possa se pensar a expressão do amor pela via da insegurança e do desamparo/exclusão, como via provável de aproximação para a compreensão do ciúme. Devemos conhecer as idiossincrasias do amor e seus (des)caminhos que conduzem à gênese do ciúme dentro das vinculações amorosas, a partir da interferência essencial dos sentimentos de insegurança e desamparo que, no momento em que são engatilhados na presença de um terceiro objeto nos relacionamentos, sejam amorosos, sejam parentais, acabam por fazer com que o amor se desligue em seu intento de completude e felicidade, e assuma a posição do ciúme, abrindo assim os caminhos para as ocorrências das catástrofes e crimes passionais.

Seguindo uma concepção freudiana, em alguns casos, a ocorrência ou a expectativa de uma separação pode ser experienciada como dilaceração para o sujeito, no momento em que seu ego espera ou vivencia a dolorosa percepção de que uma parte de si mesmo foi perdida.

Sobre o processo de identificação e de idealização do objeto, Freud pontua:

Considera-se que no processo de identificação, a perda ou o abandono do objeto leva à incorporação de suas propriedades pelo eu. Enquanto na idealização, o objeto é situado no lugar do ideal do eu, e, na identificação, o objeto é colocado no lugar do eu. A idealização pode levar à servidão sem limite, sinalizando, inclusive, para o impulso do crime. Isso porque a perda do objeto da paixão converte o amor em ódio, fazendo com que o desejo de posse se transforme em desejo de destruição. (FREUD, [1914] 1996; [1917] 1996; [1921] 1996).

Assim, o sujeito que idealiza o objeto de amor, toma-o para si, e acha que este objeto possui algo especial que a ele falta e que lhe completará. No entanto, quando perde ou teme perder o referido objeto amoroso idealizado, transforma o amor que sente em ódio e deseja, a

partir de então, destruir tal objeto, passando ao ato por diversas formas de crimes e ações destrutivas “em nome do amor” ou para lavar a sua honra ultrajada.

3.1 Ciúme: a outra face do amor

No âmbito das relações amorosas, uma variante se faz presente de maneira decisiva: o ciúme e suas vicissitudes, que compõem esse contexto do amor e levantam uma questão sobre o quê faz com que o amor leve ao desencadeamento do ciúme. Diversos autores que estudaram o ciúme, na perspectiva da relação amorosa, afirmam, ora que o ciúme não possui nenhuma ligação com o amor, ora que o ciúme é parte integrante deste e que pode ser entendido como o “tempero do amor” e afirmam ainda que, se não há ciúme, não pode ser chamado de amor.

Segundo Santos (2002, p. 2):

Se analisarmos mais detalhadamente o ciúme, podemos perceber, logo de início, que não se trata de um sentimento voltado para o outro, mas sim voltado para si mesmo, para quem o sente, pois é, na verdade, o medo que alguém sente de perder o outro ou sua exclusividade sobre ele. É um sentimento egocentrado, que pode muito bem ser associado à terrível sensação de ser excluído de uma relação.

Em meio ao conjunto de concepções acerca do ciúme, este sentimento tão intrigante e causador de dúvidas, encontra-se a definição do dicionário *Aurélio* da Língua Portuguesa (1995, p. 154), que o define como “um sentimento doloroso, causado pelas exigências de um amor inquieto, pelo desejo de possuir a pessoa amada e pela suspeita da infidelidade”. Esta definição contrasta-se, inicialmente, com a afirmação de alguns autores, situando o ciúme como parte integrante do amor. E, ao mesmo tempo, leva-nos à compreensão de alguns dos mais importantes elementos e sinais mais distintivos do ciúme: seu caráter doloroso, a inquietude que ele provoca, o sentimento de posse e a expectativa de uma traição.

“A etimologia da palavra ciúme é originária do latim *zelumen*, que, por sua vez, vem do grego *zelus*. Na acepção original, significaria zelo, cuidado” (SANTOS, 2007, p.18).

A partir do Édipo, em Freud, é que se localiza a origem do surgimento do ciúme, no que diz respeito às primeiras relações da criança com os seus objetos de amor primordiais: os seus pais. Ocorre, entre a mãe e o bebê, uma relação de amor e exclusividade que, será estruturalmente ameaçada pelo aparecimento de um terceiro, o pai. A partir de então, o sentimento de posse, a insegurança e o medo da perda, característicos do ciúme, começam a se instaurar no inconsciente do sujeito, que, nesse estágio, encontra-se sem o seu eu formado. Na vida adulta, essa perda definitiva sofrida refletirá em toda a conduta e em todos os aspectos da vida do sujeito, principalmente em suas relações amorosas.

Em sua análise sobre as manifestações do ciúme, Porto (2010) nos fala que, supostamente, este sentimento revela uma angústia do sujeito em ser desalojado de um lugar, do qual ele acreditava ter conquistado e também demonstra a ocorrência de uma falha nos referenciais simbólicos que remete ao sujeito os limites de si mesmo. Afirma ainda que, o ciúme adulto não é apenas uma repetição de um ciúme infantil, mas a consequência de um trauma precoce, em certa medida, inevitável, mas cujos efeitos continuam a permear de forma presente e atuante na vida adulta.

De acordo com Farinha (2010) e Porto (2010), o ciúme se constitui como uma reação de ameaça de outrem, real ou imaginária, a um relacionamento expressivo. Para estas autoras, e em grande parte dos textos pesquisados sobre o tema, o ciúme decorre de um tipo de ilusão de exclusividade em relação ao parceiro, de ser o único em sua vida, aparecendo quando um terceiro surge na relação amorosa, formando um contexto triangular nessa relação. Desta forma, para estas, o ciumento objetiva diminuir ou excluir os riscos diante da possibilidade de perda do objeto de amor.

Para diferenciar o ciúme normal do patológico, Nunes (2006) diz que, no primeiro há apenas um receio de perder o amor do parceiro(a) e que também existe o sentimento de posse perante situações concretas de ameaça de perda do objeto amoroso, porém sem qualquer sofrimento psíquico – ansiedades, pensamentos delirantes, angústias. Já no ciúme patológico, conforme este autor, estas mesmas características, devido aos diversos conflitos travados entre o casal, são geradores de sofrimento e dor psíquica. Nesse caso, mesmo que o ciumento esteja consciente de que seus pensamentos são obsessivos e ilógicos, ele acaba pondo em prática esses pensamentos, muitas vezes, destrutivos, em uma tentativa de provar para si mesmo aquilo o que imaginava.

Segundo Almeida (2007), o ciúme é reconhecido como um complexo de emoções provocado pela percepção de uma ameaça a um relacionamento diádico e exclusivo. Essa concepção reforça a noção do ciúme como associado diretamente ao sentimento de posse direcionado ao objeto de amor.

Assim, Lacan ([1938] 2003) faz uso do termo “intrusão” como o que origina o ciúme, a partir do momento em que a criança sente o seu lugar de exclusividade no amor da mãe ameaçado. Momento considerado traumático e nada comum, alerta este em seu texto *Complexos familiares* ([1984] 2003), em que a mesma teme perder seu primeiro objeto de amor, ao perceber a presença de um irmãozinho. A dor da primeira perda faz sua marca e se inscreve, constituindo o psiquismo da criança, entre o desmame e o aparecimento do intruso.

Esse tempo é, como descreve Lacan, contemporâneo ao estágio do espelho, em que a criança se reconhece, pela fala e pelo olhar da mãe, através da imagem do outro (ele próprio) no espelho, a quem endereça sua primeira agressividade.

Diante do exposto, Balthazar e Duarte (2002) traçam o perfil do sujeito ciumento em sua não sustentação com relação ao gozo do outro, agindo pelo total poder do seu narcisismo em suas ações de possessividade:

O ciumento não suporta a satisfação do outro, tampouco seu gozo. Procura e quer tudo. Procura privar o outro daquilo de que ele goza. Em outras palavras, o ciumento tende para o narcisismo total e absoluto. Sem falhas. Ele nega o significante da falta do outro. O ciúme é um sintoma que não podemos, de modo algum, camuflar em uma cura. Não devemos ignorá-lo. Ele corresponde a um desconhecimento da falta fundamental, a ausência de defesa contra esta falta (BALTHAZAR & DUARTE 2002, p.88).

O ciúme pode ser apreendido, então, como um conjunto desordenado de sentimentos, baseado e sustentado pela insegurança e pela baixa autoestima em que o sujeito inseguro, com seu ego fragilizado, age sendo guiado por estes afetos conscientes e também pelo que foi recalcado de sua infância em suas relações primárias de amor. Agindo assim, este acaba por construir uma vida de inquietações constantes, desconfianças e fantasias de traição em relação ao parceiro (a), fazendo com que todos os seus pensamentos sejam conduzidos apenas por essa dúvida ilógica que foge à realidade concreta vivenciada pelo sujeito, tirando a sua paz e fazendo com que as pessoas de seu convívio se distanciem, aumentando ainda mais o seu sentimento de culpa por estar sentindo ciúme e por destruir o que havia de positivo no seu relacionamento com o objeto amado.

Sendo assim, o amor em seus (des)caminhos que conduzem à origem do ciúme, em suas diversas formas de ocorrência, delineia um amplo contexto em que sempre podemos localizar um sujeito que se sinta inferiorizado, desprezado, diminuído, excluído por outro sujeito. É na incerteza, baseada apenas em suposições e suspeitas que o ciúme se instala.

Freud, em seu texto *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo* (FREUD, [1922]1996), contribui efetivamente para uma perspectiva estrutural do ciúme e o inclui na categoria de sentimento normal e inerente à subjetividade humana, assim como o luto, fazendo-nos compreender, desta forma, que o mesmo precisa ser vivenciado nas relações objetais.

Na concepção freudiana, se uma pessoa aparenta não sentir ciúme, é devido à dedução da presença de um severo recalque, possuindo maior influência na vida psíquica inconsciente. Freud, neste texto, distribui o ciúme em três modalidades ou graus, denominados como

anormalmente intensos e que são encontrados no trabalho analítico: ciúme competitivo ou normal, ciúme projetado e ciúme delirante.

No que se refere à primeira camada do ciúme, tido como competitivo ou normal, Freud ([1922]1996) pontua que se trata de um ciúme que, apesar de ser considerado normal, não é completamente racional, isto é, derivado de uma situação real, sob o completo controle do ego consciente, pois se encontra profundamente enraizado no inconsciente, dando continuidade às primeiras manifestações da vida emocional da criança, sendo ainda originado pelo Complexo de Édipo ou de irmão-e-irmã do primeiro período sexual.

Nesse sentido, sobre o ciúme normal, Freud nos diz:

Não há muito a dizer, do ponto de vista analítico, sobre o ciúme normal. É fácil perceber que essencialmente se compõe de pesar, do sofrimento causado pelo pensamento de perder o objeto amado, e da ferida narcísica, na medida em que esta é distinguível da outra ferida; ademais, também de sentimentos de inimizade contra o rival bem-sucedido, e de maior ou menor quantidade de autocrítica, que procura responsabilizar por sua perda o próprio ego do sujeito (FREUD, [1922, p. 231]1996).

Em uma visão lacaniana, podemos compreender de uma releitura acerca do ciúme normal, que este pode ser compreendido como uma forma de gozo, no sentido de que o sujeito ciumento encontra na excitação provocada pelas repetições gozosas de atitudes de ciúme, um sentimento de existência no mundo, ou seja, de receber atenção de quem julga não receber. Tudo isso, porque esse sujeito se sente completamente abandonado.

O ciúme da segunda camada, que Freud ([1922]1996) descreveu como ciúme projetado, é aquele em que o sujeito ciumento projeta em seu parceiro(a) a sua própria infidelidade, podendo esta ser tanto concreta na vida real como também de impulsos no sentido dela que foram severamente recalcados. Esta projeção proporcionará alívio ao sujeito e remissão de sua consciência, pois atribuirá a sua própria infidelidade ao seu companheiro a quem deve fidelidade, lançando a este a sua suspeita de traição.

Em sua recomendação acerca do tratamento analítico do ciúme projetado, Freud diz que devemos levar a pessoa ciumenta a encarar o assunto de seu ciúme sob uma perspectiva diferente e não discutir com ela o material em que esta baseia suas suspeitas e dúvidas. E em seguida, menciona que o ciúme projetado possui um modo delirante em suas formas de ocorrência. Por isso, esclarece que “o ciúme emergente de tal projeção possui efetivamente um caráter delirante; é, contudo, ameno ao trabalho analítico de exposição das fantasias inconscientes da própria infidelidade do sujeito” (FREUD, [1922, p. 232]1996).

Neste momento, quando ainda discorre sobre a projeção do ciúme em seu texto, Freud ([1922] 1996) cita a canção de Desdêmona, esposa do protagonista Otelo, na obra

shakespeariana *Othelo*⁴ (1603), que narra a epopeia trágica de amor e ciúme vivida pelos personagens mencionados. A personagem Desdêmona é citada neste texto de Freud, no momento em que ele descreve estruturalmente o ciúme projetado.

Nesta canção, podemos entender que Otelo projeta uma provável infidelidade sua que, conseqüentemente, termina em uma possível traição de Desdêmona, sua esposa. Diante disso, será que podemos afirmar que o ciúme de Otelo é projetivo?

Com relação à terceira camada descrita por Freud ([1922] 1996), do ciúme delirante, este é descrito como um tipo delirante verdadeiro, que também se origina de impulsos recalçados no sentido da infidelidade, com a diferença em relação ao ciúme projetado de que, o objeto, nesse caso, é do mesmo sexo do sujeito que sente ciúme. Revela o que sobra de um homossexualismo inconsciente, em que o rival é representado pela pessoa do sexo oposto e o suposto objeto de amor e zelo é o sujeito do mesmo sexo, figura originária da ocorrência do ciúme delirante, de tipo paranoico, com delírios de traição e conspiração contra si mesmo e que contém nele, não apenas a terceira camada, mas a presença de todas as três formas de ciúme.

Diante do exposto, Freud apresenta o ciúme delirante como:

[...] o sobranço de um homossexualismo que cumpriu seu curso e corretamente toma sua posição entre as formas clássicas da paranóia. Como tentativa de defesa contra um forte impulso homossexual indevido, ele pode, no homem, ser descrito pela fórmula: “*Eu não o amo; é ela que o ama!*” (FREUD, [1922, p. 233]1996).

O ciúme, a partir do que possamos compreender desta terceira camada, constitui-se como uma defesa contra o homossexualismo, baseada na paranoia de ciúmes, tendo o delírio como seu sintoma mais recorrente, tentando, desta forma, recuperar um mundo de sentidos, pois como Freud postula em sua obra, o delírio é uma tentativa de cura para o sujeito. Sendo assim, o paranoico de ciúmes, inconscientemente, tenta buscar um objeto amoroso do mesmo sexo. Contudo, há uma escolha heterossexual consciente, o que não impede a presença de fantasias homossexuais em seus desejos, que desencadeiam os delírios deste sujeito, já que a pessoa amada de seu próprio sexo é quem se torna o seu rival.

No ciúme delirante, popularmente conhecido como “ciúme doentio”, ocorre um estado paranoide, em que o sujeito não mais duvida, mas possui toda a convicção e certeza de que está sendo traído, mesmo que todas as evidências da vida real concreta provem o contrário. É nesse ponto que o ciúme patológico ou paranoide começa a se manifestar.

⁴ Canção de Desdêmona (*Othelo*, IV, 3): “Chamei meu amor de falso, mas o que disse ele então? Se eu cortejar mais mulheres, deitar-te-ás com mais homens” (SHAKESPEARE, 1603).

Assim, Figueiredo e Neto (2010, p. 1-2) delineiam que:

O sujeito sofre constantemente, se vê atormentado com a infidelidade do parceiro, quase sempre por motivo real, tendo a absoluta certeza de que é traído(a), mesmo que as evidências provem o contrário. O indivíduo vive em função do outro, fantasia constantemente que o outro pode estar com outra pessoa, vivendo em estado de tensão.

A partir do que foi exposto acerca do ciúme caracterizado como doentio, conduziremos o presente trabalho à vertente da atualidade, junto aos sintomas contemporâneos, apresentando informações relevantes resgatadas de artigos pesquisados sobre a relação do ciúme com as tragédias e crimes passionais, que estão ocorrendo de forma drástica e recorrente nos dias atuais, bem como as novas formas de relacionamentos amorosos que estão sendo observadas na sociedade contemporânea e que foram verificadas nestes estudos.

O ciúme que leva o amor à catástrofe ou ao encontro com o Real. Partimos desta frase inicial para conduzir o presente texto à temática do relacionamento amoroso na contemporaneidade, que tem causado considerável repercussão na mídia devido à grande dimensão que tem alcançado sobre essa tendência do amor na atualidade, que junto ao sintoma do ciúme em maior grau, acaba causando o encontro com o Real do corpo aniquilado pelo afeto descarregado com total intensidade de ira e agressividade.

Na sociedade contemporânea, os relacionamentos são baseados em liberdade e busca de autonomia, em que o sujeito não mais se submete à lei, pois vive em uma conjuntura social que não é mais Pai orientada, pois, de acordo com a Segunda Clínica de Lacan, a clínica do gozo, a primazia atual é ocupada pelo registro do Real, com o declínio da Função Paterna. Assim, os relacionamentos se tornaram descartáveis, pelo fato de não haver mais lei ou coerção suficiente que obrigue os casais a permanecerem juntos até a morte.

Deste modo, Zygmunt Bauman (2004, p. 8) descreve essa liquidez nos relacionamentos humanos, livres e, ao mesmo tempo, cada vez mais inseguros:

[...] o relacionamento humano. Seus personagens centrais são homens e mulheres, nossos contemporâneos, desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição, desesperados por “relacionar-se”.

Atualmente, a nova “lei” que vigora no âmbito das relações amorosas é a lei do “ninguém é de ninguém” ou “eu sou de todos”, evidenciando a prática do amor líquido, pois não existe mais nada que obrigue os casais a permanecerem juntos, quando não mais houver

sentimento que os mantenham unidos. Este, dura enquanto existir a ilusão de que o outro tem aquilo que me falta. Na primeira constatação da queda dessa ilusão, “a fila anda”.

Diante desta nova exigência de autonomia e auto fundação, conforme pontua Baroncelli (2011), em cada experiência particular, sofrimentos e ambiguidades podem ser desencadeados, como é o caso do ciúme. Assim, fica mais fácil a sua ocorrência e a linha fica cada vez mais tênue entre o ciúme e o crime passionai, fazendo com que as portas se abram para o primeiro e suas consequências, aumentando a incidência de tragédias causadas por este sentimento.

Giddens (2002) aponta que, nesse contexto de relações autossustentadas e independentes, a confiança possui papel fundamental, pois é ela que possibilita aos sujeitos o sentimento de proteção necessário para o envolvimento nas relações amorosas, que não segue mais um desenvolvimento predeterminado pelas obrigações tradicionais.

Assim, Baroncelli (2011) alerta para o grande conflito e risco causados pelo ciúme nas relações contemporâneas que representam a circunstância de uma primazia da insegurança, que toma a cena a dois, tornando a confiança uma questão difícil de ser resolvida, visto que, os amantes contemporâneos que vivenciam o estilo descartável das relações, quando se sentem inseguros, tendem a se portar de modo artificial e não construtivo, seja tentando agradar ou controlar o seu objeto amoroso, talvez até agredindo fisicamente ou atentando contra a vida do outro e de si próprio.

Enquadrando-se nestas reflexões, Bauman (2004, p. 31) assinala que:

Quando a insegurança sobe a bordo, perde-se a confiança, a ponderação e a estabilidade da navegação. À deriva, a frágil balsa do relacionamento oscila entre as duas rochas nas quais muitas parcerias se esbarram: a submissão e o poder absolutos, a aceitação humilde e a conquista arrogante, destruindo a própria autonomia e sufocando a do parceiro. Chocar-se contra uma dessas rochas afundaria até mesmo uma boa embarcação com tripulação qualificada – o que dizer de uma balsa com um marinheiro inexperiente que, criado na era dos acessórios, nunca teve a oportunidade de aprender a arte dos reparos? Nenhum marinheiro atualizado perderia tempo consertando uma peça sem condições para a navegação, preferindo trocá-la por outra sobressalente. Mas na balsa do relacionamento não há peças sobressalentes.

Ocorre ainda, na conjuntura atual, no que concerne às relações amorosas contemporâneas, a constante presença do sujeito narcísico, que a todo o momento passa por crises de referência. Diante disso, surge o ciumento do tipo passional, sem limites, sem simbólico, que se encontra com o Real inominável da morte, pelo crime contra o objeto amado. Esse sujeito passional é constituído de crime e paixão, isto é, “uma paixão aqui entendida como um sentimento hostil, violento, temeroso, negativo” (ELUF, 2007, p. 102).

Com relação aos crimes passionais movidos pelo ciúme, Figueiredo & Neto (2012, p. 2) afirmam:

Os motivos que movem a conduta criminosa são advindos do ódio, da possessividade, do ciúme, da busca da vingança, do sentimento de frustração aliado à prepotência, da mistura de desejo sexual frustrado com rancor por não suportar a perda do seu objeto de desejo ou para lavar sua honra ultrajada.

Diante do exposto, encontramos nesta sociedade atual “pavio curto”, insegura e desconfiada, uma total intolerância que domina todo o campo simbólico, em tudo o que se contrapõe à vontade e ao desejo das pessoas em suas relações objetais. Ainda no que tange aos vínculos amorosos, os sujeitos não têm a quem recorrer simbolicamente e acabam dirigindo seu apelo ao real dos objetos.

É neste cenário da vida amorosa contemporânea, baseada no amor líquido, que o ciúme entra como protagonista, revelando todo o seu caráter destrutivo, passional e doentio e operando na passagem ao ato do sujeito ciumento, destruindo a vida do outro e de si próprio, que culminará nas tragédias contidas nas páginas policiais.

No próximo tópico do presente artigo, veremos Psicanálise e Literatura, fascinantes campos de estudo que se fundem e se encontram mutuamente e que ainda concebem o amor como uma impossibilidade. Estes discorrerão sobre o ciúme característico do personagem Bento Santiago, da obra machadiana *Dom Casmurro*. Tal sentimento será representado na literatura em uma perspectiva de análise psicanalítica e literária, que vem a ratificar a temática exposta até o momento neste trabalho.

4. O CIÚME REPRESENTADO NA LITERATURA

“Meu Deus, livrai-me do ciúme! É um monstro de olhos verdes, que escarnece do próprio pasto que o alimenta. Quão felizardo é o enganado que, cômico de o ser, não ama a sua infiel! Mas de que torturas infernais padece o homem que, amando, duvida e, suspeitando, adora.”
(Shakespeare, *Otelo*)

Análise da Obra “Dom Casmurro”, de Machado de Assis na perspectiva do ciúme.

Joaquim Machado de Assis, em sua obra mais conhecida e valorizada, mostra uma escrita rica em intertextualidade e primorosas descrições de perfis psicológicos dos personagens, que nos fazem pensar que este se utilizou de conceitos da Psicanálise para

construir sua obra, mesmo sem nunca ter conhecido Freud e sua teoria, embora ambos fossem contemporâneos.

A referida obra machadiana foi escrita no ano de 1899 e publicada em livro pela livraria Garnier no ano de 1900, mesmo ano da publicação de *A Interpretação dos Sonhos*, de Freud, que inaugurou a psicanálise propriamente dita, como campo de estudos e interpretação da subjetividade humana.

Baseado em Freud e em diversas interpretações de outros psicanalistas, iniciaremos agora, a análise psicanalítica da obra de Machado de Assis, tendo como foco principal de análise o tema do presente trabalho, que trata o ciúme como a parte reversa do amor e ainda, conforme Quinet (2006), como modo de gozo do sujeito. Valendo ressaltar ainda que, tanto a Psicanálise quanto a Literatura, em suas obras poéticas e em seus conceitos, enxergam o amor como uma impossibilidade, como algo inalcançável.

Dom Casmurro (1899) é um clássico da Literatura Brasileira, que foi traduzido em diversas línguas, com renome mundial, e aborda esta temática de forma significativa e referencial para algumas das teorias de Freud. “Dom Casmurro é, nesse sentido, um documento clínico literário precioso pelo seu realismo e veracidade” (TRIPICCHIO, 2001, p. 51).

Assim, Freitas (2001) elucida, quanto à análise psicanalítica desta obra que:

Através da análise do discurso dos personagens da obra machadiana, poder-se-á mostrar, utilizando-se dos conceitos psicanalíticos, seu caráter universalizante na medida em que essas repetições inconscientes representam as inúmeras formas do estar no mundo. No entanto, apesar de manterem a sua singularidade, apresentam uma lógica da origem. Esta análise permitirá novas leituras interpretativas, apresentando seus personagens através da ótica psicanalítica como exemplares do que a sociedade exige, como disfarce, para o desejo inconsciente se expressar (FREITAS, 2001, p. 48).

No decorrer da análise da obra, poderemos observar que o ciúme do narrador personagem, Bento Santiago, será enquadrado nas três camadas ou tipos de ciúme já mencionados neste trabalho e descritos por Freud (1922 [1996]) em seu texto *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo*, e ainda serão destacados principais trechos, em sua fala, que denotam tais tipos acima mencionados, no intuito de inferir sobre as manifestações do inconsciente, representadas ou reveladas pelo personagem e, assim, a partir de um olhar de Lacan a esse trecho, comprovar que o ciúme se encontra nitidamente nos três registros do psiquismo humano: real, simbólico e imaginário.

Assim como a experiência analítica é uma prática de significação, neste romance o narrador pretende ressignificar retroativamente toda a sua vida a partir do presente em que ele, Bento Santiago, responde pela alcunha de Dom Casmurro, dada por seus vizinhos devido a seus hábitos reclusos e calados (QUINET, 2006, p. 210).

Bentinho é um rapaz rico, de personalidade imaginativa e sexualidade tardia, de pouca iniciativa, passivo e calado, católico fervoroso por causa da fé inabalável de sua mãe, Dona Glória, que tem preocupação e cuidado extremos com ele. Filho único perdeu o pai quando tinha três anos de idade. Tais cuidados excessivos de sua mãe eram motivados pelo insucesso de uma gestação anterior.

Para que tudo desse certo na gestação de Bento, dona Glória fez uma promessa de entregar Bento ao sacerdócio e torná-lo padre. O menino foi crescendo sem uma presença masculina que lhe demarcasse a função paterna, logo, Bento cresceu como um sujeito sem barra do Outro, sem a figura de um terceiro que interditasse a sua relação simbiótica com a mãe. Machado de Assis, em seu texto, não apresentou nenhum homem com participação significativa a ponto de ocupar essa função de suplência ao pai.

Aos quinze anos, Bento ouve uma conversa entre dona Glória e José Dias, um agregado da família, em que este alerta sua mãe sobre a possibilidade de um namoro entre Bento e Capitu, sua vizinha, que era de classe social inferior a sua, mas que, ao contrário dele, possuía muita atitude e perspicácia em seu modo de ser e agir.

Bento apenas tomou conhecimento de um envolvimento emocional com Capitu quando ouviu da boca de outra pessoa, levando-nos à compreensão de que ele não entrou em contato com seus sentimentos sozinho. “Com que então eu amava Capitu e Capitu a mim? [...] Tudo isso me era agora apresentado pela boca de José Dias, que me denunciara a mim mesmo” (ASSIS, [1899]1977, p. 82-83).

Chega o tempo da ida de Bento para o seminário e, junto a isso, vem a perda de sua liberdade e de suas vivências sexuais. Bento, desde o início de sua vida, vive a sexualidade como um pecado ou um vício, sendo reprimido em suas pulsões sexuais devido à dominante presença da fé cristã e da religiosidade em sua vida. Fatores tais que condenam a experiência do prazer sexual.

Essa constante em seu cotidiano no seminário faz com que Bento viva, a todo o momento, reprimido, pois fora educado para ser padre, apesar de este não ser o seu desejo. “O erotismo preside a vida do rapaz, contudo, as repressões da mãe e da igreja vão forjando um quadro neurótico de certa gravidade” (FREITAS, 2001, p. 132).

Conforme Soares (2007), as pulsões sexuais de Bentinho provocavam nele um duo de sensações que, por um lado faziam emergir um desejo incontrolável no rapaz e, por outro, encontravam-se com a repressão decorrente da educação religiosa e da criação de sua mãe.

Em contrapartida, sobre suas tentações, depois de um tempo no seminário, surge a primeira mordida de ciúme em Bentinho, no momento em que recebe a visita de José Dias e pergunta para ele sobre notícias de Capitu, o mesmo responde que: “Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança que se case com ela [...]” (ASSIS, [1899] 1977, p. 157). Enquanto vivia triste e chorava todas as noites, ela andava “alegre”.

Neste momento, ao receber notícias de Capitu, Bento descreve a angústia percebida em seu ser e o medo de perder o objeto amado e ainda declara que sentiu o cruel ciúme que o identifica nitidamente:

Estive quase a perguntar a José Dias que me explicasse a alegria de Capitu, o que é que ela fazia, se vivia rindo, cantando ou pulando, mas retive-me a tempo, e depois outra ideia... Outra ideia, não, - um sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúme, leitor das minhas entranhas. Tal foi o que me mordeu (ASSIS, [1899] 1977, p. 157).

Percebe-se que o ciúme citado acima pertence à segunda camada, que Freud (1922) denominou de ciúme projetivo. Bento, ao sentir vontade de ver mulheres de saia, culpa-se por isso e projeta em Capitu os seus próprios impulsos de infidelidade, percebendo que ela também pode pensar em namorar algum peralta da vizinhança. “No âmbito do imaginário, onde o parceiro é tomado pelo espelho do Outro, o ciúme vem denotar as próprias intenções do sujeito. Ele atribui ao outro o que quer para si” (QUINET, 2006, p. 200).

A segunda mordida de ciúme de Bentinho ocorreu quando ele presenciou uma conversa entre Capitu e um cavalheiro *Dandy*.⁵ Nesse momento, Bento é tomado pelo ciúme da primeira camada, competitivo ou normal, caracterizado por Freud (1922) pelo sofrimento causado pelo pensamento de perder o objeto amado, ocorrendo assim uma ferida narcísica e a auto responsabilização pela possível perda do outro. “A troca de olhares entre o *dandy* e Capitu provoca a segunda mordida de ciúme – mais funda que a primeira, Bentinho tem ganas de estrangular a namorada” (QUINET, 2003, p. 201).

O cavaleiro não se contentou de ir andando, mas voltou a cabeça para o nosso lado, o lado de Capitu, e olhou para Capitu, e Capitu para ele; o cavalo andava, a cabeça do homem deixava-se ir voltando para trás. Tal foi o segundo dente de ciúme que me mordeu. A rigor, era natural admirar as belas figuras; mas aquele sujeito costumava passar ali, às tardes; morava no antigo Campo da Aclamação, e depois... e depois... Vão lá raciocinar com um coração de brasa, como era o meu! Nem disse nada a Capitu; saí da rua à pressa, enfiei pelo meu corredor, e, quando dei por mim, estava na sala de visitas (ASSIS, [1899] 1977, p. 172).

⁵Segundo o *Dicionário Houaiss* da língua portuguesa, que propõe o aportuguesamento **dândi** deste termo: “ing. *dandy*- homem que tem preocupação exagerada com a aparência pessoal; designa homem elegante”, termo de origem obscura.

Pode-se observar no comportamento de Bento Santiago, dentro da presente análise psicanalítica literária, que o mesmo demonstra, no decorrer da narrativa, um jeito de ser passivo e submisso, apresentando dificuldades para tomar decisões e operar mudanças em sua vida. Fica evidente ainda, a presença de duas mulheres fálicas às quais Bento se subordina a todo o momento: sua mãe (D. Glória) e Capitu. Para Freitas (2001), em um primeiro momento, Bentinho se encontrava preso e dividido entre esses dois amores.

Certa vez, quando Bentinho foi pego às pressas do seminário para ver sua mãe que estava gravemente enferma, passou pelo seu pensamento o seguinte: “Mamãe defuncta, acaba o seminário” (ASSIS, [1899] 1977, p. 164). Tal pensamento, conforme Freitas (2001), apesar de ser seguido de uma grande culpa, também vem demonstrar a covardia e a incapacidade de Bentinho em tentar solucionar seus próprios problemas.

A passividade do rapaz o leva, muita vez, a não ser sujeito de sua própria vida, ele não interfere no destino, apenas sofre a sua ação aleatória. É assim que ele vai montando um percurso que desembocará num adulto frágil, melancólico e delirante (FREITAS, 2001, p. 133).

O fato de Bentinho não ter tido uma figura masculina no discurso da mãe, que fica viúva muito jovem e não elabora esse luto, casando-se com a missão de sacerdócio e oferecendo o filho em sacrifício, fez com que sua posição masculina não se efetivasse, pois, “assumir-se como homem não é a mesma coisa que estar na posição masculina” (FREITAS, 2001, p. 130). Neste caso, a única mulher de sua vida seria sua mãe, dona Glória.

Ficou o filho único da mamãe, da qual nunca pôde efetivamente, no sentido psíquico, se afastar. Esta é a hipótese para as suas dificuldades matrimoniais e a escolha homossexual inconsciente que vai provocar o ciúme projetivo (FREITAS, 2001, p. 134).

E Capitu, chega à vida de Bento para desempenhar o papel de pai edípico, que age na castração pela via da proibição e das ordens, devido ao seu comportamento decidido e astuto, abolindo com a relação exclusiva e dominante entre mãe e filho. Assim, Capitu acaba por desempenhar a função de terceiro nesta relação exclusiva e diádica materno-filial.

Durante sua permanência no seminário, Bento conhece Escobar, também seminarista, e ambos se tornam amigos e confidentes. A amizade entre eles cresce e se fortalece a cada dia e Escobar consegue conquistar a confiança de Bento. Apesar de não se sentir feliz vivendo no seminário, após conhecer Escobar, Bentinho começa a se afeiçoar à vida de seminarista.

Neste momento da narrativa, ao ler estas linhas, o leitor percebe algo a mais no discurso de Bento, algo que se encontra latente em sua fala, quando descreve os inúmeros atributos do amigo e, a partir disso, começam a surgir dúvidas quanto à opção sexual de Bento

Santiago. Fator este, que influenciará na formação e no desencadeamento do seu ciúme, tanto em sua forma projetiva, quanto em sua forma delirante. “Os padres gostavam de mim, os rapazes também, e Escobar mais que os rapazes e os padres” (ASSIS, [1899] 1977, p. 160).

Eu, seduzido pelas palavras dele, estive quase a contar-lhe logo, logo, a minha história. A princípio fui tímido, mas ele fez-se entrado na minha confiança. [...] Escobar veio abrindo a alma toda, desde a porta da rua até ao fundo do quintal. [...] A alma da gente, como sabes, é uma casa assim disposta, não raro com janelas para todos os lados, muita luz e ar puro. Também as há fechadas e escuras, sem janelas, ou com poucas e gradeadas, à semelhança de conventos e prisões. Outrossim, capelas e bazares, simples alpendres ou paços sumptuosos. Não sei o que era a minha. Eu não era ainda casmurro, nem dom casmurro; o receio é que me tolhia a franqueza, mas como as portas não tinham chaves nem fechaduras, bastava empurrá-las, e Escobar empurrou-as e entrou. Cá o achei dentro, cá ficou, até que... (ASSIS, [1899] 1977, p. 149-150).

Quando dona Glória estava doente, Escobar foi visitá-la e conheceu pela primeira vez a casa de Bentinho. Ao final da visita, após o jantar, despediu-se e Bento levou-o até o ponto de ônibus, local onde houve uma entusiástica e afetuosa despedida entre ambos. Capitu, escondida por dentro da veneziana, presencia tal momento e, em seguida, aparece e indaga a Bentinho: “Que amigo é esse tamanho?” (ASSIS, [1899] 1977, p. 170), querendo saber quem era que o queria tão bem, no que Bento respondeu que se tratava de seu melhor amigo Escobar.

Na seção anterior, destacamos que Freud (1922), ao se referir ao ciúme normal, afirma que não se trata, necessariamente, de um sentimento proveniente de algum acontecimento real ou por uma infidelidade propriamente dita. Este pode ter origem no inconsciente e no Complexo de Édipo, e, para algumas pessoas, o mesmo pode ser experimentado bissexualmente.

[...] um homem não apenas sofrerá pela mulher que ama e odiará o homem seu rival, mas também sentirá pesar pelo homem, a quem ama inconscientemente, e ódio pela mulher, como sua rival; esse último conjunto de sentimentos adicionar-se-á à intensidade de seu ciúme (FREUD, [1922] 1996, p. 231).

Com o passar do tempo, Bento sai do seminário e se dedica a estudar Direito, e Escobar se torna comerciante. Sua mãe, dona Glória, convencida por Capitu de que o filho não tinha vocação nenhuma para ser padre, tenta se conformar com o novo destino de Bento, contentando-se em pagar sua promessa de outra forma, conforme o plano arquitetado por Capitu, custeando os estudos de uma criança pobre que tinha vocação para o sacerdócio, para enfim conseguir dar um padre para a igreja e cumprir com seu intento.

Bento regressa como Bacharel em Direito após cinco anos e se casa com Capitu. Após anos de tentativas sem sucesso, o casal consegue ter um filho, Ezequiel. Escobar casa-se com Sancha, amiga de Capitu, e ambos também têm uma filha, chamada Capituzinha.

Na visão de Quinet (2006), ambas as famílias constituídas, quando diante do espelho, lado a lado, refletem nitidamente um sexteto de dois trios que se completam. Tudo corria bem no casamento até Bentinho começar a vigiar Capitu constantemente. “A tal ponto que o menor gesto me afligia, a mais ínfima palavra, uma insistência qualquer; muita vez só a indiferença bastava” (ASSIS, [1899] 1977, p. 221-222). “Cheguei a ter ciúmes de tudo e de todos. Um vizinho, um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, me enchia de terror ou desconfiança” (ASSIS, [1899] 1977, p. 222). Nada mais era capaz de aliviar a angústia de Bentinho, que se tornava maior a cada dia. Aos poucos, o ciúme de Bento vai se intensificando e, na mesma proporção, suas dúvidas. Qualquer fato ou circunstância banal produz efeitos aterrorizantes em Bentinho.

Roído pelos ciúmes, Bento se interessa, mesmo que seja no ódio, cada vez mais, pelo homem, sob as vestes de um possível rival, do que por sua própria mulher. Os períodos de acalmia que seguiam às dúvidas movidas pelos ciúmes não existem mais. A angústia da suspeita é permanente. Não há dialética entre confiança e desconfiança – a suspeita destruiu toda e qualquer despreocupação – só restam o terror e a desconfiança (QUINET, 2006, p. 203-204).

No transcorrer da narrativa, pode-se entender que há manifestações no personagem Bento Santiago que caracterizam um caso clínico. Com o passar do tempo e com a grande carga de impulsos infiéis reprimidos em seu inconsciente, acontece aquilo que Freud (1922) chama de ciúme da terceira camada, do tipo delirante verdadeiro, que começa a se originar, tomando posse da subjetividade deste, abrindo as portas da devastação em sua vida.

Neste caso, o objeto do seu ciúme paranoico pertence ao mesmo sexo do sujeito, que na referida narrativa, trata-se de Escobar, seu amigo em elevada estima. Diante disso, Bentinho tenta se defender, a todo custo, desse forte impulso homossexual indevido, utilizando como arma a acusação de infidelidade destinada a Capitu. O delírio de ciúmes de Bento começa a se cristalizar, com o apoio de fatos da realidade como *os olhos de ressaca* de Capitu, no momento do velório de Escobar, após ter sido arrastado pela ressaca do mar e morrido afogado, para dar base a sua certeza delirante: “Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas” (ASSIS, [1899] 1977, p. 234).

Para Freitas (2001), Bento não conseguia sublimar o seu desejo homossexual, ficando perseguido pela instância inconsciente do seu superego que o atormentava e que o fazia

recorrer a dois mecanismos de defesa: a negação e a projeção, esta que, para Tripicchio (2001), torna-se uma constante na personalidade de Bento e origina grande parte da formação do seu ciúme. Assim, Bentinho, em seu inconsciente, diz: *Eu não o amo; é Capitu que o ama!*

Este mecanismo faz Bento julgar, na cena do olhar ao corpo de Escobar por Capitu, ser também uma demonstração de infidelidade, levando ao ciúme projetado, fundindo-se às tendências zelosas de Bento, que deflagram a eclosão do ciúme delirante, através de uma percepção patologicamente distorcida (TRIPICCHIO, 2001, p. 32).

Este olhar de Capitu para Escobar morto, na narrativa machadiana, foi o ponto culminante para que a construção delirante de Bentinho passasse ao status de certeza delirante. “Desta cena do velório forma-se o axioma da paranóia de ciúmes: ‘Ela o ama’, que podemos completar com ‘Ela me trai’ – designando o lugar de objeto ao sujeito delirante” (QUINET, 2006, p. 206). Eis que aparece a terceira mordida de ciúme.

O Outro do ciúme é Escobar, o amigo morto, [...], Bento não procura uma *ocularproof*: ele a encontra. A prova material do delito é o próprio olhar – objeto puntiforme e evanescente, cuja consistência real e material para Bento eleva-o a objeto causa do ciúme (QUINET, 2006, p. 205).

Assim, a presente conjuntura delirante do ciúme de Bentinho, permanecerá, a partir de então, incorporada nele, fazendo-o mergulhar fundo na melancolia, na rudeza com Capitu e no ódio de Escobar transferido para Ezequiel, seu único filho. Bento, apesar de não encontrar provas concretas de infidelidade, segundo Quinet (2006), as encontrará no olhar de Capitu, objeto da pulsão escópica, que tamponará este vazio de evidências. “Ele adquire a certeza de que Capitu o traiu com Escobar. À perturbadora dúvida se substitui a desesperada certeza” (QUINET, 2006, p. 205).

Assim, podemos chegar a um consenso de que, se Bento apresenta o ciúme delirante, pertencente à terceira camada, segundo Freud (1922), este igualmente se encontra apresentando todas as três camadas, em um conjunto sincrônico, conforme fora exposto neste capítulo, e nunca apenas a terceira.

Movido apenas pela sua paranoia de ciúmes, agora Bento deposita sobre Ezequiel toda a sua raiva e o elege como o símbolo da traição sofrida, tornando-se ainda um rival. Convicto de que não é pai de Ezequiel, quando Capitu entra no escritório, Bentinho lhe afirma: “Ele não é meu filho!” (ASSIS, [1899] 1977, p. 248). Ela responde: “Pois até os defuntos! Nem os defuntos escapam aos seus ciúmes” (ASSIS, [1899] 1977, p. 249).

Bentinho resolve isolar Capitu e o filho, mandando-os para a Suíça. Anos depois, Capitu morre, mas o ciúme permanece vivo e devastador quando este recebe a inusitada visita de Ezequiel, que o faz relembrar todo o seu universo de fantasmas e depressão.

Onze meses depois deste encontro, Ezequiel é acometido por uma febre tifoide e morre, satisfazendo assim o desejo de Bento, que no dia do encontro com o filho, em algum momento, pensou: “antes lhe pegasse a lepra...” (ASSIS, [1899] 1977, p. 257).

Ao final da narrativa machadiana, Bento Santiago, o Bentinho, já apelidado de Dom Casmurro, mora sozinho em uma casa construída por ele, que é a réplica fiel da casa onde nasceu e cresceu em Matacavalos. “Esta casa do Engenho Novo, conquanto reproduza a de Matacavalos, apenas me lembra aquela, e mais por efeito de comparação e de reflexão que de sentimento. Já disse isto mesmo” (ASSIS, [1899] 1977, p. 254).

À fase de indefinição do ciúme e à simples expansão do sistema delirante, segue-se a de sua sistematização, com o aparecimento de percepções delirantes. Bento cai no mundo dos fantasmas, da melancolia, dos impulsos suicidas e homicidas, transforma-se num homem novo [despersonalização] e seu mundo também [desrealização], com o esvaziamento afetivo, a incapacidade de criar novos laços amorosos, a esquisitice e a bizarrice do comportamento. Conserva, porém a relativa capacidade de recompor seu passado (TRIPICCHIO, 2001, p. 45).

Um fator marcante se faz presente na obra de Machado de Assis. A menção que este autor faz da tragédia teatral *Otelo*, de Shakespeare. Tanto que dedica alguns capítulos da presente narrativa (*Uma ponta de Iago*, *Otelo*, *Uma reforma dramática*) a interligar as duas histórias, fazendo referência de uma com a outra e mostrando a semelhança de perfis dos personagens: Bentinho e Otelo; Capitu e Desdêmona; José Dias e Iago, com o intuito de associar as inúmeras semelhanças entre ambas as narrativas escrita e encenada, deixando o leitor livre para fazer suas interpretações, de acordo com a sua subjetividade. Este foi o objetivo de Machado ao escrever *Dom Casmurro*.

[...] o tropismo de Machado por *Otelo* faz com que em alguns capítulos use os personagens shakespearianos de forma direta: *Uma ponta de Iago*, *Otelo*, etc. Alusões a uma tragédia na qual a personagem principal, Desdêmona, é morta por Otelo, no entanto, quanto ao adultério, ela é inocente. Machado deixou ao leitor as possibilidades interpretativas (FREITAS, 2001, p. 137).

Este foi um traço marcante em toda a obra machadiana, que possui em seu conteúdo a arte de instigar o leitor a querer, a todo o momento da leitura, interpretar e tirar suas próprias conclusões, de acordo com o seu desejo, que lhe é desconhecido. Assim, Machado de Assis consolidou sua obra memorável, capaz de originar análises psicológicas das mais diversas e fascinantes, como a referida obra presente neste estudo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, afirma-se que o desenvolvimento deste trabalho objetivou utilizar os conceitos psicanalíticos como instrumentos de análise, tomando como objeto de

estudo uma obra literária. Assim, partindo dos objetivos propostos neste, a temática do ciúme pôde ser desvendada em suas vicissitudes, através da apreciação literária, tendo como base o pensamento psicanalítico que leva-nos a compreender, desta forma, a forte relação do amor com o ciúme, a partir de uma premissa de ordem psicanalítico-literária, de que o amor é visto como uma impossibilidade, sendo vislumbrada pela psicanálise e pela literatura, dentro de uma perspectiva teórica e relacional.

Discutimos a ocorrência do amor nos três registros psíquicos: Real, Simbólico e Imaginário, com o intuito de levarmos à reflexão sobre a forma como o ciúme surge na subjetividade humana desde a infância, a partir do Complexo de Édipo, com as primeiras relações de amor objetais e seus reflexos na origem deste sentimento.

A história de Bento Santiago e do seu ciúme patológico, corroborou para um estudo do personagem, aproximando-se da semelhança de um caso clínico, que nos fez ampliar conhecimentos acerca deste sentimento devastador, e ainda pôde ampliar os olhares sobre a ação que o inconsciente desempenha para as reações e os comportamentos que o sujeito ciumento pode apresentar em todas as três camadas ou tipos: normal, projetiva e delirante.

A literatura e sua interseção com a psicanálise foram de grande contribuição para este estudo, pois alargaram os horizontes e prepararam um terreno fértil para a compreensão do ciúme no viés psicanalítico. Tanto que a escrita literária oferece à psicanálise a oportunidade de aprofundar o processo de criação e libertação do inconsciente.

Observamos o grande poder de destruição que o ciúme decorrente das relações contemporâneas exerce sobre o sujeito, fazendo com que as tragédias e os crimes passionais aconteçam de maneira frequente e alarmante, posto que, na sociedade atual do “ninguém é de ninguém” das relações amorosas líquidas, os fatores que predispõem o ciúme, como a insegurança, a desconfiança e a intolerância incontroláveis, surgem e atuam com mais facilidade na vida do sujeito ciumento.

A análise da obra literária “*Dom Casmurro*”, nos faz perceber a grande riqueza que surge em um texto, após este ser interpretado à luz da psicanálise que, ao mesmo tempo, em uma via de mão dupla, também se faz enriquecida por ele.

Freud, em seus estudos sobre o ciúme nas três camadas, elucidou muitas questões acerca do ciúme em sua origem e destino, fazendo-nos compreender a importância dos conteúdos inconscientes recalcados na infância para o surgimento deste sentimento narcísico e dominador, que tem o poder de aniquilar toda a lucidez do sujeito que o sente.

No caso de Bentinho, aplicando a teoria psicanalítica na obra machadiana, foi possível inferir que o ciúme revela mais do que se pode imaginar sobre o ciumento. Tanto a projeção

de seus impulsos de infidelidade para Capitu quanto a sua paranoia, seguiam uma lógica própria, que visava livrá-lo de suas angústias, de suas frustrações, recalques e ainda de seus verdadeiros desejos.

O presente trabalho despertou a vontade de analisar e explorar outras obras literárias sob o aparato da psicanálise, fazendo desvendar novos sintomas, novos personagens, novos enigmas, viajando por sobre as formas do inconsciente, profundamente escondidas e refletidas no comportamento humano.

Para tanto, a realização deste trabalho pôde demonstrar com clareza o quanto uma obra literária bem escrita e um personagem bem construído podem ser utilizados com a semelhança e as contribuições de um recorte clínico para o estudo de quem se dedica ao trabalho na clínica psicanalítica, consolidando e ampliando conhecimentos.

Assim, devido a pouca atenção dada ao estudo psicanalítico do ciúme e de seus reflexos na subjetividade humana, este trabalho contribuiu para que a temática em foco fosse mais explorada no âmbito da psicanálise e pudesse provocar e causar reflexões, ampliando as perspectivas de análise teórica acerca deste objeto de estudo.

THE WRITING OF JEALOUSY IN THE NAME OF LOVE

ABSTRACT

This paper deals about jealousy in the light of psychoanalysis, more precisely, on the three layers or types: "normal, projective and raving," postulated by Freud in his work. In the relationship between jealousy and love, explores the ways related to both feelings and the waywardness of jealousy. It is used as a study tool and analysis of literary work *Dom Casmurro* that sustains such literature search and will make the intertwining of psychoanalysis and literature. It aims to understand the psychic phenomenon of jealousy in its connection to the objectal love. This study is dedicated, first, to explore psychoanalysis-literature relationship, which is very present in the writings of Freud and Lacan. If still talks about love and its relationship with jealousy, explaining about the love motivations that result in the emergence of this feeling, coming then to the study of the jealousy, itself, as the other face of love, and still discusses about their origin in childhood, in the avatars produced by Oedipus, and also its consequences in adulthood, as the occurrence of tragedies with crimes of passion, caused by feelings of insecurity and mistrust, characteristically present in the jealous subject. It is highlighted in the work, remarkable speeches, where it can be seen that the issue of jealousy is present and active in insecure and possessive behavior of the character Bento Santiago in three classes, making highlight the devastating force of this feeling, from its origin to its destination, in the singularities built by the peers in the relations of love.

Keywords: Jealousy. Love. Psychoanalysis. Literature.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Dom Casmurro** – edições críticas de obras de Machado de Assis. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. 267p.

AZEVEDO, Ana Vicentini de. **Mito e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 190 p.

BELLEMIN-NÖEL, Jean. **Psicanálise e literatura**. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1978. 102 p.

BORGES, Maria de Lourdes Alves. **Amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. 60 p.

CASTRO, Julio Cesar Lemes de. **O inconsciente como linguagem**: de Freud a Lacan. *Cadernos de semiótica aplicada*, v. 7, nº1, p. 1-12, jul. 2009.

DUARTE, Ariane. et al. **Ciúme**: normal ou doentio? *Revista Terra e Cultura*, ano XX, nº39, p. 85-90, 2002.

ELUF, Luiza Nagib. **A paixão no banco dos réus**. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2003. 199 p.

FERREIRA, Leda Mara. **A interface entre psicanálise e literatura**. *Revista Entrelinhas*, v. 6, nº1, p. _____. ISSN 1806 9509.

FERREIRA, Nadiá Paulo. **A teoria do amor na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. 71 p.

FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. **Freud e Machado de Assis: uma interseção entre psicanálise e literatura**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

FREUD, S. Além do princípio do prazer [1920]. In: _____.**Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVIII, p. 17-72.

FREUD, S. Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo [1922]. In: _____.**Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVIII, p. 231-241.

FREUD, S. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen [1907]. In: _____.**Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. IX, p. 19-85.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneio [1908]. In: _____.**Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. IX, p. 135-143.

FREUD, S. Luto e melancolia [1917]. In: _____.**Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV, p. 249-263.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos [1927-1931]. In: _____.**Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 304 p.

FREUD, S. Observações sobre o amor transferencial [1915]. In: _____.**Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XII, p. 177-188.

FREUD, S. O tema dos três escrínios [1913]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XII, p. 313-323.

FREUD, S. Romances familiares [1909]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. IX, p. 219-222.

FREUD, S. Sobre a transitoriedade [1916]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV, p. 317-319.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução [1914]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV, p. 81-108.

FREUD, S. Totem e tabu [1913]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIII, p. 21-169.

FREUD, S. Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença [1915]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV, p. 271-280.

GLEDSON, John. **Machado de Assis: impostura e realismo – uma reinterpretação de Dom Casmurro**. Tradução de Fernando Py. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 196 p.

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. Ciúme. In: _____. **Novo dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 154.

LACAN, Jacques. A mola do amor: um comentário sobre o *Banquete* de Platão [1960-1961]. In: _____. **O seminário, livro 8: a transferência**. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

MENDES, Elzilaine Domingues; PRÓCHNO, Caio César Souza Camargo. **A ficção e a narrativa na literatura e na psicanálise**. In: *Pulsional. Revista de Psicanálise*, ano XIX, nº185, p. 43-51, mar. 2006.

MENEZES, Adélia Bezerra de. **Do poder da palavra: ensaios de literatura e psicanálise**. São Paulo: Duas cidades, 1995. 216 p.

NABARRETE, Luiza Maria de Souza. **Por uma abordagem psicanalítica do ciúme e seus desdobramentos**. jul. 2014. 91 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Campo Grande.

NUNES, Lauane Baroncelli. **O ciúme nas relações amorosas contemporâneas**. out. 2006. 135 p. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro.

PORTO, Luisalzidoro. **Um monstro de olhos verdes: reflexões sobre o ciúme sob a perspectiva da psicanálise freudiana**. nov. 2010. 99 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

QUINET, Antônio. O caso “Dom Casmurro” – as mordidas de ciúme [1951]. In: _____. **Teoria e clínica da psicose**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. cap. 16, p. 197-208.

ROUDINESCO, E. ; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 874 p.

SANTOS, Eduardo Ferreira. **Ciúme e crime:** uma observação preventiva. *PSIC-Revista de Psicologia da Vetor Editora*, v. 3, nº 2, p. 74-77, 2002.

SANTOS, Eduardo Ferreira. **Ciúme:** o lado amargo do amor. 2ª ed. rev. São Paulo: Ágora, 2007. 115 p.

SOARES, Thiago Damacena de O. P. **Ciúme na psicanálise e na literatura.** dez. 2007. 49 p. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Ciência da Saúde do UniCeub – Centro Universitário de Brasília, Brasília.

TRIPICCHIO, Adalberto. **O olhar de Capitu e a patografia de Bento.** *Revista Olhar: Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos (UFScar)*, v. 3, nº 5-6, p. 28-56. São Paulo: jan-dez. 2001.